

50
4-2
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Separata das «Memórias»

(Classe de Letras — Tomo V)

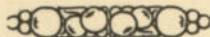
48.9.
182/24 12

Vida de Salvador Correia de Sá
Benevides, capitão mor do Rio
de Janeiro e libertador de Angola

POR

FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA MARTINS

DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



LISBOA

1948

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Separata das «Memórias»

(Classe de Letras — Tomo V)

18214/12
Vida de Salvador Correia de Sá
Benevides, capitão mor do Rio
de Janeiro e libertador de Angola

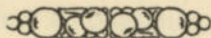
POR

FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA MARTINS

DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



R. 179892



LISBOA

1948

De Mendo de Sá a Martim de Sá — Os calvinistas de Villegaignon e os «tamoios» — Carta do Capitão General para a Regente D. Catarina — Morte de Estácio de Sá — Os capitães mores do Rio de Janeiro — Preparativos dos holandeses para o assalto ao Brasil.

Portugal esteve cativo pelos espanhóis mas a sua alma, que parecia ausente, ou abatida, ainda vibrava tanto no reino sequestrado como nas colónias de precária defesa.

O Brasil despertara cobiças. No Rio de Janeiro palpitava a alma dos Sás. O burgo vivia dos seus nervos como do seu sangue.

Os batalhadores daquela raça tinham conquistado a cidade aos franceses calvinistas de Villegaignon, arrebatando-lhes a ilha de seu nome, que perduraria, e desmantelado o forte de Coligny. Desinfestaram-na dos índios bravos, os «tamoios», aliados dos invasores e deram-lhe a primeira trincheira e o templo inicial. Ganharam na palmo a palmo.

Outra igreja votada a S. Sebastião, em honra do padroeiro da urbe e do Rei de Portugal, guardava os restos de Estácio de Sá fundador da futura metrópole do grande empório.

O primeiro dos guerreiros da estirpe que ali vertera sangue fôra Mendo de Sá, filho legítimo do cônego da Sé de Coimbra, Gonçalo Mendes de Sá, que provinha dos condes de Caminha cujo primogénito capitaneara a armada do descobrimento de S. Tomé. Seu irmão, João Gonçalves de Miranda casado com D. Felipa, dos Sás da Anadia, gerara aquele eclesiástico que houvera nove filhos e quatro dos quais reconhecera por Carta Régia de el-rei D. João II.

Um deles fôra o inclito Francisco de Sá de Miranda, poeta que se immortalizaria; outro, Mendo de Sá, mandado ao Brasil com a armada da colonização pela rainha D. Catarina, regente do Reino, na menoridade de seu neto.

Devia ocupar as capitánias, assegurar, de facto a sua posse em nome da Coroa que até aí as abandonara. Vivia-se do sonho do Oriente e só em 1558 se começara a pensar, mais a sério, na vasta possessão ocidental.

A fama das suas riquezas já soara na Europa e Nicolau Durand de Villegaignon calvinista, protegido pelo almirante Gaspar de Coligny, intentara a acção do estabelecimento da França Antártica que o chefe não podera realizar.

Havia quatro anos que levantara a fortaleza baptisada com o nome do chefe calvinista na enseada do Rio de Janeiro na ilha a que se dera o apelido do aventureiro quando Mendo de Sá o foi combater e aos «tamoios» ligados à sua aliança. A artilharia dos navios assestada contra os rochedos que serviam de muralhas ao castelo não o atingia de modo a desalojar o inimigo e, desembarcando, se investira a peito descoberto. Villegaignon partira para França em busca de socorros.

No ponto mais erçado de penedias, e que parecia inacessível, entrincheiravam-se os índios prontos a morrer. Eram os «tamoios» de raça ousada, selvática e antropófaga que escolheram os franceses para amigos contra o domínio português.

O ilustre guerreiro ganhando o sítio das Palmeiras, onde a horda brava disparava as frechas e deslocava as rochas formidáveis, viu-se na frente de hostes valentes e numerosas cujos corpos pintados lhes permitiam confundir-se na floresta onde se perderiam depois de deixarem no campo milhares de cadáveres.

Ali se disse missa de graças pela vitória. Tinha-se penetrado no sertão e aberto e conquistado, a machado e a ferro e a fogo, o caminho para o aldeamento. Rasgando os liames das plantas espinhosas, incendiando as cabanas, destruindo as lavouras e celeiros, os portugueses assistiram à debandada do inimigo que se sumira no impenetrável sertão.

Os franceses, falhos de auxílio das hostes indígenas, jamais poupadas, renderam-se e os vencedores, deliberaram destruir a fortaleza. Mendo de Sá tendo regressado à Baía, escrevera à Rainha D. Catarina a carta que anunciava a vitória:

«Prouve a N. Senhor que nos determinemos de a combater—a fortaleza—e a combatemos por mar de todas as partes numa sexta-feira quinze dias de Março e naquelle dia e outro pellejamos sem descansar de dia nem de noute athe que N. Senhor foi servido de a entrarmos com muita vitoria e morte dos contrarios e dos nossos poucos e se esta vitoria me não tocara tanto podera afirmar a V. A. que ha muitos anos que se não fez outra tal entre Christãos» (1).

As primeiras pégadas dos Sás tinham-se assinalado no Rio de Janeiro, na terra chamada de Nitheroi, antes do descobrimento por Martim Afonso de Sousa.

Cheio de intensa fé, que jamais abandonava os portuguezes, o capitão afirmava em suas letras:

«A obra foy de N. Senhor que não quiz que se nesta terra prantassem gente de tam maos zellos e pensamentos herão luteros e Calvinos, o seu exercicio era fazer guerra aos Christãos e dados a comer ao gentio como o tinhão feito poucos tempos havião em S. Vicente».

Pedia à soberana que mandasse:

«povoar este Rio de Janeiro para segurança de todo o Brazil e destoutras mas os pensamentos porque se os Franceses o tornão a povoar hey medo que seja verdade o que Villaganhão dizia que todo o poder Espanha nem do Gram Turco o podera tomar» (2).

A resposta de D. Catarina partiu com louvores e «lhe encomendou applicasse todos os meyoys para fortificar o Rio de Janeiro com huma nova Capitania, que servisse de impenetravel escudo contra todas as machinas dos inimigos» (3).

Já o guerreiro andava a bater os aimorés que assaltavam os Ilheus e Porto Seguro.

Por aquelle tempo, seu irmão Francisco de Sá de Miranda, e notá-

(1) 16 de Junho de 1560.

(2) Idem, idem.

(3) Diogo Barbosa Machado — «Memórias para a História de Portugal» que comprehendem o Governo de El Rei D. Sebastião—Vol. I, pág. 441.

vel poeta, chorava o seu primogénito Gonçalo Mendes de Sá caído em Ceuta a combater a moirama. Na peleja de Tetuão morrera seu sobrinho João Rodrigues de Sá. O grande escritor enviuvara. Sua esposa, D. Briolanja de Azevedo, finara-se de dor pela perda do filho.

Na sua quinta de Entre Douro e Cávado, tomado de humores merencórios, Sá de Miranda, irritado pelos ataques de Gil Vicente, ferido pelas desditas sucessivas que o alanceavam, ia escrevendo a sua comédia de «Vilhalpandos» élogas e elegias no improvisado cenáculo de que faziam parte Diogo Bernardes, António Pereira de Marramaque e Manuel Machado de Azevedo cunhado do poeta, senhor da casa do Crasto.

O sangue do famoso João Rodrigues de Sá, o Sá das Galés, (1), corria em dignas veias e de novo ia honrá-lo o capitão governador do Estado do Brasil.

Os «tamoios» revoltaram a região do Espírito Santo, e tendo-se aparelhado uma frota para os ir bater, dera-se o seu comando a Fernando de Sá, filho do insigne guerreiro (2) e que morreu na batalha.

Mendo de Sá esquecido dos affectos de natureza e sòmente lembrado das obrigações do cargo, não julgou por desgraça a morte de seu filho, de que fora gloriosa consequência a conservação e o socego daquela Província, ficando igualmente eternizado na posteridade tanto no valor heróico do moço, como a constância generosa do pai (3).

Os franceses voltaram ao ataque do Rio de Janeiro visto a amizade dos índios e a ausência de guarnições portuguesas. Embora se tivesse demolido a fortaleza para a qual a colónia calvinista (4) acarretara mate-

(1) João Rodrigues de Sá, o Sá das Galés, recebera este cognome porque batendo-se e vencendo os castelhanos no Tejo, em 1385, recebera 15 feridas mas afundara os barcos inimigos. Herói em Aljubarrota seria embaixador junto do papa Bonifácio IX.

(2) Casara com D. Brites Mariz de Tenreyros, dos Andrades Marizes, filha de Afonso Anes de Andrade e houveram João Rodrigues de Sá, que morrera na luta contra os «tamoios», D. Felipa de Sá mulher de D. Fernando de Noronha e fundadora do Colégio de Santo Antão dos Jesuitas (Rangel — Nobiliário Col. Pomb. da B. N. Códice 398).

(3) Barbosa Machado — «Memórias para a História de Portugal» — Vol. II, pág. 253.

(4) Os padres da Colónia enviados por Calvino, a pedido de Villegaignon, chamavam-se Pierre Bourdon, Maltuem Verneuil, Jean de Bardel, Nicolas Raviquet, Nicolas Carnie ou Jacques Rousseau e Jean de Lery que escreveu sobre o assunto *Histoire d'une voyage fait en la terre du Bresil, autrement dit Amerique* (1578).

riais, outras tinham sido edificadas e era para impedir o avanço da propaganda inimiga e a sua infiltração que se mandara ao Rio de Janeiro Estácio de Sá (1), sobrinho do governador geral, com o encargo de fundar uma cidade.

Seria o entrincheiramento contra a ousada pirataria, baluarte contra as possíveis reconstituições de Villegaignon.

Ele já perdera a esperança de congregar à volta do seu fanatismo os ministros que Calvino lhe mandara e também de criar a França Antártica. A expedição de seu sobrinho Bois le Comte não correspondera ao que ambicionara.

Considerado pelos correligionários «fol et perclus du cervan», retirara-se para a sua comenda de Beauvais tendo governado Sens (2) e mergulhado na melancolia ao querer penetrar os mistérios das religiões.

Os invasores que tinham ficado, vendo sair os religiosos destinados à propaganda do calvinismo deram-se menos àquela fé e pensaram mais nas vantagens do tráfico. Os outros emigrados largaram para França cognominando Villegaignon, o Caim da América. Tornar-se-ia perseguidor dos calvinistas.

Estácio de Sá, que devia combater os franceses ligados aos «tamoiões» e traçar a cidade, não pôde fazer mais do que um baluarte junto ao Pão de Açúcar, o alto e pitoresco monte no sítio que se denominaria Praia Vermelha.

Acompanhavam-no soldados, já cheios de experiência, que da ilha carioca faziam as suas investidas não conseguindo desimpedir o terreno da gente inimiga que continuava a animar os índios apetrechados para as lutas com europeus sem deixarem seus costumes e idolatrias. Havia diferença entre o sistema dos portugueses que os queriam religiosos católicos

(1) Estácio de Sá era filho de Álvaro Pires de Sá e de Guiomar Leitão. Tiveram: Jorge que morreu na Índia, Estácio ou Estevão de Sá que foi, por ordem do Governador Mendo de Sá, capitão mor da Conquista do Rio de Janeiro, Diogo de Sá, etc.—Ranget Nobiliário. Col. Pomb. da B. N. Códice 398.

(2) Nicolas Durand de Villegaignon era sobrinho de Villiers de Lisle Adam, Grão Mestre de Malta, servira Carlos V na conquista de Argel e batera-se nos Países Baixos contra os espanhóis. Filiara-se no calvinismo e comandara as expedições do Rio de Janeiro. Renegou o seu credo e foi governador de Sens. (1510-1571).

e o dos francos muito interessados no comércio do pau brasil para se incomodarem com o espiritual.

O capitão mor, que escolhera o lugar, junto ao monte colossal, para a traça do aldeamento, cavara fossos, abaluartara precariamente as trincheiras com as peças dos galeões e ordenando as obras de taipa, os aquartelamentos cobertos, esperava, persistentemente, expulsar os adversários e dominando os índios, impor o domínio português. Para tirar aos soldados a ideia da partida mandara largar os navios sem a artilharia.

O jesuíta José Anchieta que seria o Apóstolo do Brasil, procurava, com o bispo D. Pedro Leitão, todas as formas de combater os heréticos invasores. Eram exemplares na acção de seu ministério comunicando a sua fé aos combatentes.

Eles não deixavam de incitar Mendo de Sá a mandar mais auxílios ao sobrinho. Juntara-se-lhes, no mesmo propósito, o padre Inácio de Azevedo, visitador geral dos jesuitas. O guerreiro fôra castigar os aimorés, e com as forças que lhe restavam movendo-se muito por seu ânimo, embora escutasse os probos conselheiros, decidiu lançar-se, inesperadamente sobre o Rio de Janeiro dando ao parente azo para liquidar de vez os intrusos e repelir de novo os índios para o sertão.

A luta ia ser brava; não podia tolerar-se o predomínio dos francezes e os vexames praticados pelos «tamoios».

O governador marchou para a desafronta e na véspera do dia do mártir S. Sebastião, a 18 de Janeiro, estava à vista do inimigo. Entrando a barra defrontou a fortaleza do Urisúmuri (1) de boa obra militar e perfeitamente artilhada.

Ao lado do chefe estava seu sobrinho Estácio de Sá (2) que comandaria a vanguarda da impetuosa hoste. Os «tamoios» tinham ganho prática e experiência de batalhar, aprendido com os francezes a tática daquelas guerras. Eram multidão e as suas frechas passando céleres, sucediam-se às nuvens de fumo que escondiam a luz do sol. O vozear dos índios ocoava pelos montes vizinhos do Rio de Janeiro; os guerreiros emplumados destacavam-se, por vezes, nos baluartes e tentavam impedir a fúria do assalto.

(1) Ficava no sítio que hoje se chama Praia do Flamengo.

(2) No testamento de Mendo de Sá, lavrado pelo tabelião Diogo Ribeiro, em 1569, revela-se que tinha consigo dois sobrinhos, Estácio de Sá e Salvador Correia de Sá.

Os portugueses, galgando pelas escarpas, lançavam-se no ataque calcando os cadáveres dos que caíam sobre os seus golpes, seguindo os seus oficiais, desprezando a vida e pisando os mortos que se amontoavam como ainda a deter-lhes o avanço. Quando a fortaleza caiu em poder dos assaltantes não se poupavam os rebeldes. Índios e franceses eram abatidos pelos afiados gumes das espadas vingadoras.

Um brado de triunfo retumbara com a dolorosa grita dos vencidos.

Doze portugueses jaziam por terra e entre eles o capitão de mar e guerra Gaspar Barbosa.

Havia ainda outro forte a alvejá-los, o de Paranapucny (1), erguido na ilha que se ia devastar. Sob as balas constantemente despejadas de perto, tendo sido as peças transportadas a braço, submeteram-se mas fugiram alguns para o sertão. Despojados das suas terras fertilíssimas, logo entregues a soldados e a fiéis auxiliares, acabaram por sentir mais valem os portugueses do que os aliados expulsos pelas suas armas.

No fragor da batalha Estácio de Sá fôra ferido por uma seta morrendo ao cabo de um mês de sofrimento (2).

Mendo de Sá, o tio que procurava acudir com socorros ao capitão encarregado de fundar a cidade, tomou sobre si o propósito e collocando-a sob o patrocínio de S. Sebastião, em memória do dia do triunfo e do rei de Portugal, fôra ali servir com Estácio de Sá.

O sangue dum membro da grei dos Sás da Anadia fôra vertido na terra que seria pátria doutros varões de seus apelidos.

O governador geral do Brasil retirara-se para a Baía, onde labutou mais cinco anos, e dispunha-se a partir para Lisboa quando faleceu sendo sepulto na igreja dos jesuitas. Ainda tivera tempo de entregar o governo ao seu sucessor Luís de Brito e Almeida.

Do arraial da Praia Vermelha, ou antes da ilha Carioca, ia-se avançando para o morro de S. Januário. A cidade nascera no sulco dos passos de Mendo de Sá, da seiva do sangue que Estácio derramara e no amparo do seu primeiro capitão, Salvador Correia de Sá.

(1) No lugar que depois se denominou Ilha do Governador, por ser propriedade de Salvador de Sá, sucessor e primo de Estácio de Sá, na capitania do Rio de Janeiro. Em 1516 voltou a este cargo que deixou em 1598, para superintender nas minas de ouro do Paranaguá e Espírito Santo.

(2) 20 de Fevereiro de 1567.

Não tinham cessado as lutas.

Ia construindo a cidade e dando suas ajudas para o acabamento do novo templo, o de S. Sebastião, quando apareceram no porto de Cabo Frio, quatro navios franceses que iam carregar o precioso pau brasil fornecido pelos índios. A Europa pagava-o bem; a abundância não prejudicava o preço pois alargava os mercados.

Chamavam-lhe «braisil» por sua cor de brasa, servia nas tinturarias como elemento primordial empregando-se também em mobiliários de categoria. Conhecia-se aquela preciosa madeira na Índia; a descoberta das Terras de Santa Cruz, com a abundância daquela espécie de vegetal, tornara-a cobiçada.

Os franceses, mesmo depois de expulsos, ainda se aproximavam das costas brasileiras para o negócio. Os índios de Cabo Frio, ao verem-nos e ouvirem-nos, recordaram as velhas amizades dos calvinistas e convenceram-nos a ajudá-los contra o Arerigboia, índio goitacaz, tão amigo dos portugueses que tomaria o nome de descobridor do Rio de Janeiro, o esforçado Martim Afonso de Sousa (1).

Accepta a colaboração, os indígenas deliberaram atacar a aldeia de S. Lourenço onde o seu compatriota mandava no cargo de capitão mor e cavaleiro de Cristo.

Passaram a barra em som de guerra. Os Sás ainda não tinham erguido fortalezas nos morros e as oito lanchas dos piratas passaram à vontade. Martim Afonso não se encontrou só; os portugueses colocaram-se a seu lado tendo-se pedido socorros às capitânicas de Santos e do Espírito Santo. Intentaram pôr cerco ao aldeamento mas o valoroso capitão índio, com as forças enviadas por Salvador Correia de Sá, conseguira obrigá-los a refugiarem-se nas canoas que foram varejadas a tiro, repelidas para o largo, levando as correntes até ao Recife de Pernambuco.

A vitória abriu caminho a novas explorações e os índios fieis e

(1) Martim Afonso de Sousa grande navegador e notável capitão. Foi mandado, em 1534, fundar a Nova Luzitânia nas Terras de Santa Cruz. Fundou a capitania de S. Vicente, a primeira do Brasil, seguiu-se a de Parataninga, hoje S. Paulo, tendo descoberto a baía do Rio de Janeiro assim denominada por ali ter entrado em 1 daquele mês no ano de 1532. Foi donatário de S. Vicente e governador da Índia. Faleceu em 21 de Julho de 1564.

cristãos, deparando, em Cabo Frio, com um galeão francês atulhado de mercadorias para as trocas de pau brasil, atacaram-no bravamente.

As suas embarcações, tripuladas sob as ordens dos portugueses, tomaram o navio e o saque foi largamente partilhado.

Recomeçaram os trabalhos de alargamento da cidade que era preciso defender para o que se empregaram as peças de bordo e outras. O capitão mor distribuiu terras dos antigos campos dos índios e quedou-se esperançado no futuro do burgo ao qual os seus já tinham dado muito esforço e sangue.

O governo geral do Brasil era na Baía onde os capitães generais residiam. A cidade desenvolvia-se largamente e no seu vasto porto fundeavam navios de alto bordo. Depois de Mendo de Sá tinham sido nomeados para aquela suprema função personagens de valia no estado na corte (1).

Salvador Correia de Sá, sobrinho do grande guerreiro deixou de exercer por um tempo, a sua antiga função no Rio de Janeiro até que foi reintegrado.

Tinham começado as horas trágicas de Portugal.

D. Sebastião teimara, por todos os modos, na arremetida de África. Faltava-lhe a glória que invejava aos príncipes da sua raça.

Imaginava ressuscitar as proezas de Távola Redonda. Agitava-o algum glóbulo mais ardente do sangue de D. João I. Desde o reinado do Príncipe Perfeito que os reis tinham deixado de vestir as armas e o soberano, dispondo do poder, imitara o seu parente o Infante D. Fernando, também sequioso de glória, e cuja desdita pensava em desagravar. Puniria os descendentes dos culpados dos sofrimentos do mártir, do Santo que sonhara a vitória sobre os infieis.

Bateu-se heróicamente, após a aura epilética que o arrancara do extasi para a arremetida, e ficara no campo como um destroço, limo humano na ressaca de Alcacer Quibir.

(1) Sucedera-lhe D. Luís de Vasconcelos que morreu na viagem para a Baía, sendo nomeado Luís de Brito e Almeida (1572-1578). O novo governador foi Lourenço da Veiga (1578-1581). O seu substituto Manuel Teles Barreto foi agraciado pelo usurpador Felipe I (1581-1587). O bispo D. António Barreiros e Cristóvão de Barros estiveram na governação até 1581, vindo D. Francisco de Sousa no reinado de Felipe II e governando desde 1602 a 1607.

Morrera e com ele o reino. Estrebucharam ambos na agonia. O Brasil seria presa de mais cobiças à medida que se verificava a impotência de Portugal para a manutenção do seu empório ultramarino.

Se nem a si próprio se defendera?!...

Quando se descobriram as minas de ouro de Espírito Santo e Paragnaguá foi necessário um superintendente de rijo pulso e larga experiência da vida brasileira. Salvador Correia de Sá tentou realizar nessa via o que fizera como capitão mor.

Nascera na quinta de Penha Boa, junto de Barcelos, sendo filho de Gonçalo Correia e de D. Felipa de Sá, neto de Martim Correia e de Rui Correia da casa de Farelões. Casara três vezes e da última consorte, D. Vitória da Costa, houvera Martim de Sá também destinado às armas.

Nascido daquela linhagem dos Sás estava indicado para governar a cidade onde palpitava a alma dos seus antepassados e colaterais.

O governo de Felipe II enviara Salvador Correia de Sá para tratar das minas; passara o governo da capitania a Francisco de Mendonça e Vasconcelos que o capitão general, D. Francisco de Sousa, encontrara naquele cargo quando se dirigia para os jazigos auríferos.

Teria verdes anos Martim Correia de Sá, quando lhe coube (1) ocupar o posto que seu pai honrara e seu tio Estácio de Sá fôra o primeiro a exercer. Pouco se demoraria no cargo passado a Afonso de Albuquerque fidalgo em bons termos na metrópole e que governaria, pelo menos três anos, a capitania.

Em 11 de Julho de 1623, Martim de Sá reocupou o seu antigo cargo tendo já um herdeiro que vestia as armas com glória e honrava os nomes dos avós.

O ilustre fidalgo de tão assinalado nome desposara D. Maria de Mendonça e Benevides em memória do ilustre avô como acréscimo do apelido materno como era de uso das genealogias de Espanha.

Aquele herdeiro dos Sás, que entrava na vida, foi educado entre soldados; trazia no sangue a herança e glória por seus pais e avós mais

(1) 1606 ou 1603. Teve por sucessores Afonso de Albuquerque (1608 a 1614); Constantino Menelau (1614 a 1616); Rui Vaz Pinto (1617 a 1620); Francisco Fajardo (1620 a 1623), voltando Martim Correia de Sá ao seu antigo cargo (1623 a 1626) e sendo reenvestido por decreto régio de 24 de Janeiro de 1626.

distantes porque se entre eles houvera letrados não desdenharam as armas.

Mendo de Sá, o primeiro da estirpe que calcara o solo brasileiro, irmão de Francisco de Sá de Miranda, era homem de saber e o seu avô, primogénito do marinheiro descobridor de S. Tomé, dava-se a prazeres intellectuais. Não existia na colónia uma escola de ensino superior mas os jesuitas eram esclarecidos. Para as artes militares havia a prática constante de exercícios de destreza e a permanente ameaça dos índios. O mar era a grande universidade onde se lia o perigo e se aprendia a zombar dele.

Além disso, Portugal sem liberdade, era obrigado a empregar todos os recursos na defesa da possessão cobiçada pelos holandeses.

Salvador Correia de Sá e Benevides foi educado no rumor das lutas. Tamanino, brincava entre capitães, escutando as lições do pai que, na sua qualidade de governador do Rio de Janeiro, jamais descansava na lide estratégica.

Os «tamoios» aldeados, com suas tradições de guerreiros, apareciam aos olhos da criança como os eternos mestres duma estranha raça belicosa. A cidade ia-se dilatando na sua conquista do sertão, e não se descansava dos trabalhos mais árduos cujo fim consistia na defesa do litoral e por banda da selva.

Aos dezoito anos, o filho do capitão mor de S. Sebastião do Rio de Janeiro já era excelente soldado.

A Espanha andava em guerra com os Países Baixos e pretendia dominar completamente a nação que se chamava, naquela época, as Províncias Unidas. No reinado de Felipe II as condições de vida do povo batavo tinham sofrido grande transformação.

A Confederação elegera seu «stathouder», hereditário, o príncipe Guilherme de Orange (1) que ia governar a República no meio das agitações. Assassinado em Delft, o Taciturno, como era cognominado o guerreiro valoroso e sombrio, tivera por sucessor Maurício de Nassau.

Reinava no meio da desordem das províncias, ante o separatismo

(1) Filho de Guilherme I de Nassau; foi herdeiro do título de Príncipe de Orange, por falecimento de seu primo René, transmitindo aquela dignidade a seu filho Maurício. O «Stathouder» foi assassinado por Baltazar Gerard (1533-1584).

que dava a Leicester (1) o governo da Zelândia, Frizia e Gueldo até que se viu obrigado à capitulação.

As Províncias Unidas tinham lançado para muito longe as suas vistas, abrindo o caminho da expansão colonial.

Estivera em Lisboa um batavo, Cornélio Hautmann, que aprendera as rotas das Índias com os navegadores portugueses. Em 1594 fôra preso porque sendo proibido desvendar o segredo dos caminhos dos mares, ele, por todos os meios, procurava sabê-los. Denunciado e sujeito ao cárcere e à multa dirigira-se a alguns grandes comerciantes do seu país, se não fôra antes o seu agente, e obtivera a quantia precisa para se libertar. Levava consigo a riqueza das suas investigações e assim, pondo esse capital ao serviço dos manejaadores de negócios, concorreu para a fundação da Companhia das Índias Orientais.

Entregaram-lhe o comando de três grandes navios e dum transporte e fez-se de vela para o Oriente onde ia estabelecer as primeiras feitorias da província de Malaca.

A desgraça em que Portugal caíra dera ousio aos holandeses para maiores explorações nos seus domínios de África, do Oriente e da América. A Companhia das Índias arvorara o seu pavilhão em grandes esquadras que iam a pilhar nas colónias do país cativo.

Moçambique fora assaltada em 28 de Julho de 1608 pela frota do comando de Pedro Willemez Verhoven; vinte e oito navios, da carreira do Brasil, tinham sido despresados no alto mar. As armadas da conquista, embora defendidas, com suas peças e mais engenhos bélicos, difficilmente escapavam aos poderosos navios das Províncias Unidas.

Estava declarada a guerra de corso e era o Brasil o grande fito dos holandeses que esperavam estabelecer se nas capitánias.

A terra brasílica era campo aberto a todas as aventuras. Os batavios, que se introduziram na Baía, espionavam com rara habilidade, e, por dinheiro ou fingidas associações comerciais, conseguiram conhecer todas

(1) Roberto Dudley, conde de Leicester, favorito de Isabel de Inglaterra, que o encarregou de missões na Holanda, das quais não tirou o resultado que esperava. Era muito belo; tentara apossar-se do poder em Inglaterra pelo seu casamento com a rainha, mas tendo levado a mais complicada e dramática existência fálhou-lhe também aquele desígnio, pois morreu quando a soberana parecia disposta ao matrimónio (1532-1588).

as modalidades de vida naquelas regiões. Achavam, e com razão, fáceis as empresas contra aqueles territórios.

Um súbdito da república dos Países Baixos, Manuel Vandale, obtivera carta de naturalização mas houvera sobre ele a desconfiança e solicitando licença para ir buscar sua mulher fixara-se-lhe residência em Lisboa. Durante a viagem, tivera a sorte de ser liberto por um corsário do seu país e, uma vez na Holanda, revelou tudo quanto se lhe deparara deslumbrando as imaginações.

Sucedera o mesmo com Francisco Durch, que fôra preso no Rio de Janeiro, mas se evadira e levara a Haia incitamentos.

Guilherme Ussline propuzera a fundação duma Companhia no género de que tão bons resultados obtinha nas Índias Orientais, com o fim de se apossar de parte do Brasil. Tomariam de assalto as capitánias e, instalando-se, metendo-se no trato com os índios conseguiriam o domínio.

Além disso, desde que tomassem as terras portuguesas de África, poderiam carregar navios com escravos destinados à agricultura das províncias suas vassalãs.

O programa da fundação da Companhia era tentador; mas os sócios da que traficava no Oriente entraram a guerreá-lo temendo que os géneros do Brasil concorressem para o aniquilamento dos que negociavam.

Os interessados na nova empresa não hesitaram, e, em 3 de Janeiro de 1621, obtiveram a aprovação da sua Carta Orgânica e começou a armação das esquadras.

Eram largos os seus privilégios, concediam-se-lhe o monopólio político do comércio daquelas regiões; poderia nomear governadores, construir fortalezas e assinar tratados com os indígenas.

Alguns dos judeus lusitanos e espanhóis refugiados nas Províncias Unidas, mascarando com o patriotismo a sua ganância, propozeram ao governo de Madrid a formação de outra Companhia para contrariar a batavia e para a qual só requeriam o direito de tráfico nas possessões naquela época sob o cetro felipino.]

Demorou muito o deferimento da mercê (1) e, entretanto, a nova Companhia batavia ia aprontando as suas frotas.

(1) Em 1649 o governo de D. João IV deferiu o pedido da concessão feito pelos israelitas associados aos portugueses.

Não tardariam a aproar à Baía. O exemplo da vitória dos franceses, de Riffault no Maranhão, onde se tinham estabelecido em 1524, incitava mais os holandeses.

Portugal era incapaz de defender tão grande empório, batalhava-se mas não se expulsavam os ocupantes.

O governador geral do Brasil, Diogo de Mendonça Furtado, recebeu aviso instantâneo de Lisboa, acerca dos preparativos dos holandeses no ano de 1624.

Sucedera a D. Luís de Sousa o demonstrar energia. Ao saber o que se lhe antolhava, lançou um imposto sobre os moradores, mandou reparar os baluartes dos fortes de Santo António do Sul, Tagagife, S. Felipe e do ilheu de Marcelo provendo-os de muita artilharia. Comunicara a má nova para o Rio de Janeiro onde Martim Correia de Sá não descurou os trabalhos destinados à resistência da cidade que era bem a filha da sua grei.

Pôs em prática os poderes especiais de que se achava munido pelo alvará de 3 de Agosto daquele ano. Competia-lhe tirar do erário as quantias necessárias à defesa do Rio de Janeiro. Concluídas as obras de taipa na fortaleza da praia que Sebastião de Sampaio quizera pagar, deu-lhe, em mercê da sua generosidade, o comando do baluarte avançado. O exemplo frutificou e Bento de Sousa também edificou outro forte que se denominou do Carmo e do qual foi capitão. Saiu António Gavião Coutinho do fortim de Santa Cruz da Barra para mais importante comando: o de Gonçalves. Colocando naquele posto seu irmão Gonçalves Martim de Sá, que saberia continuar as tradições da família, entregava-lhe a sua sucessão no caso de ser preciso, servindo conjuntamente com o padre Mateus da Costa Aborim, superior eclesiástico. Se o primeiro daqueles indigitados governadores sofresse percalço que o inhabilitasse tomaria o cargo Salvador Correia de Sá e Benevides, o amado filho do representante dos fundadores do burgo.

Deste modo aparece, pela primeira vez, o seu nome na história da urbe que era obra da sua estirpe.

Alistado aos dezoito anos, desde quase a infância que conhecia os perigos. Começara por combater os índios e decerto se instruíra nas fainas do mar com pilotos e mestres, porque tanto servia nas escaramuças empunhando a espada, como no comando dos navios.

Ainda não contava trinta anos quando lhe foi entregue um comboio de trinta e um barcos que devia conduzir ao Tejo a salvo dos corsários holandeses.

Para que o encarregassem de semelhante serviço era preciso que tivesse dado as suas provas de forma a não haver dúvidas acerca do seu valor e perícia.

Cumpriu de molde a satisfazer e eram bem difíceis naquelas horas, as travessias desde o Brasil às águas portuguesas.

Os piratas batavios esculcavam todos os navios; os seus agentes mandavam-lhes avisos por barcos de diversas carreiras, que as patrulhas recebiam no mar alto, transmitindo-os à frota.

O moço capitão levava a bom termo o seu encargo.

Desde que os holandeses se dispunham aos directos ataques à terra brasileira, à sua pátria, Salvador Correia de Sá e Benevides, embora citado para fazer parte do governo com seu tio Gonçalo, se o pai soffresse qualquer impedimento, decerto já imaginava acções de maior tomo.

O sangue dos antepassados era honrado nas suas veias pelo que o expunha sem medo de o esgotar pelas feridas, de o perder e com ele a vida. O seu nome impunha-lhe grandes deveres. Fugir-lhes equivalia a renunciar-lhe.

Martim de Sá escolhera para si o posto mais arriscado na fortaleza de Santa Cruz da Barra mas quis dar suas contas aos membros da Câmara. Citara-os para comparecerem na atalaia onde trabalhava; desejava-os por testemunhas do que despendia de sua fazenda e gastava em energia naquelas obras da fortaleza construída com enormes esforços para a defesa da cidade. Dizia-a: «ganhada aos inimigos e povoada por meu Pai—recordava ele—por parentes meus sustentada, e por mim, e que em ocasião alguma faltei de minha obrigação, mostrando em ocasiões que se ofereceram, o lugar que devia, e quem era o tronco donde mano nascido e criado».

Era todo o orgulho dos Sás, fundadores e defensores do Rio de Janeiro, que ressumava dessa carta da qual se presume ter havido da parte dos edis menos atenção pela sua obra. Ela era, talvez, precária, mas não poderiam mais os recursos do capitão mor.

Desbastava um pouco a severidade, depois de explicar que, «*assim em Castela como em Portugal*», era conhecido não havendo «*mister serviços de novo para me abonar*».

Levava-o a convocar os vereadores a visitarem a fortaleza: o «estar aguardando o inimigo que à porta temos»; ver a opinião, que de mim se tem tratar de a sustentar sobre tudo por esta Cidade dos Sás ganhada, e não he bem, que em tempo dum Sá se perca, como confio em o Senhor e

em o Mártir de S. Sebastião que nos ha-de dar a vitoria com o bom animo de todas Vossas Mercês que na occasião, sei, acudirão ao que devem e não faltarão».

A longa carta tinha o sabor clássico da que D. João de Castro dirigira à vereação de Goa, enviando-lhe de penhor os pelos da sua barba visto não poder louvar-se nos ossos do filho D. Fernando, ainda ligados à carne por ser recente a sua morte na batalha contra os rumes de Diu. Queria levantar as pedras derrocadas da fortaleza e oferecia aquella caução.

O capitão mor do Rio de Janeiro seguira o mesmo estilo, em prova da leitura das crónicas espelhadas em sua alma estoica.

«Faço lembrança a Vossas Mercês que ajudem meo irmão que em meo lugar ai deixei tratando da fortificação dessa cidade do pouco que faltava, conservação do feito, emquanto eu trato do que entre mãos trago, que me dizem acodem todos mui mal, e que as trincheiras se desmanchão e os taipaes se não acabam, e que nas companhias falta gente, e que se acode muito mal, e que não posso acodir lá por tratar do mais necessário e importante. Vossas mercês de sua parte lhe peço que, por serviço de Deus e de S. Magestade, deem calor ao castigo das pessoas que não acodem ao que devem a meo Irmão, lembrando que estamos esperando o inimigo» (1).

Prosseguia neste teor, fazendo suas solicitações, muito instruído do que lhe cabia e dos deveres da edilidade. Parecia haver divisões e partidos que desejava cessassem para bem servirem Deus e El-Rei.

A desconfiança lavrara a tal ponto no ânimo do capitão general, Diogo de Mendonça, que mandara verificar os trabalhos de todos os chefes das capitánias tanto era o receio que havia dos espiões batavios. O desembargador João de Sousa de Cardenas estava no Rio de Janeiro e arrogava-se grandes poderes.

A população irritou-se; um dependente do governador, nomeado escrivão da Câmara, fora suspenso por ter escrito ao magistrado notando-lhe a sua intromissão em negócios do burgo o que nem o próprio capitão mor fazia.

(1) Carta de Martim Correia de Sá à vereação do Rio de Janeiro datada da Fortaleza de Santa Cruz, em 5 de Novembro de 1634. Rev. do Inst. Hist. Geográfico do Brasil. Vol. I, pág. 314 e seg.

O administrador eclesiástico, Aborim, também protestava em reunião conjunta de edis, letrados, sacerdotes e pessoas e honrado comércio que o enviado do governador geral não tinha recebido investidura para tão grandes propósitos. Recebiam-no e ninguém teria poder para castigar os delegados da cidade dos Sás.

Ainda que Diogo de Mendonça Furtado quizesse, da capitania geral, punir quem desconfessasse o sindicante ousado difficilmente o conseguiria no momento em que se desencadeava a ameaça de guerra.

De todos os lados acudiam os avisos. Dizia-se que os holandeses queriam ganhar as posições em golpe seguro para se firmarem os créditos da Companhia.

Tinham-se estabelecido em várias regiões. As Províncias Unidas prosperavam com os negócios do Oriente; elevara-se à celebridade o nome de Cornélio Houtmann que se realizara o milagre previsto quando da sua espionagem em Lisboa.

A Maurício de Nassau sucederia, em 1625, Frederico Henrique e, exactamente um ano antes, a armada da Companhia navegava para as costas brasileiras.

Já os holandeses possuíam Java; tinham fundado Batávia, estabelecidos na Baía de Hudson e em breve ganharam a região das Molucas.

A Espanha voltara a declarar guerra ao país protestante, mas os soldados de Felipe IV eram diferentes dos comandados pelo velho gerifalte duque de Alba sanguinário e inclemente.



